História e atualidade da infografia no jornalismo impresso

Itanel Quadros[1]

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O presente artigo trata da evolução da infografia, demonstrando que esse recurso surge muito antes que a era dos computadores. Ressalta, no entanto, que o aprimoramento das tecnologias também resultou no desenvolvimento da infografia no jornalismo. O objetivo é contrastar estudos feitos por pesquisadores, como Armentia, De Pablos, Dondis, Sancho, Peltzer, Contreras e entre outros que situam a infografia como um texto midiático feito para um destinatário que tem pouco tempo para se inteirar dos fatos. Para a produção desse texto midiático, composto por alguns elementos verbais e com a predominância dos não-verbais, exige-se o conhecimento de sua origem e de fundamentos básicos explorados nesse trabalho.

Palavras-chave: história-da-infografia, infografia; jornalismo-visual; design-gráfico.

1. Introdução

José Ignacio Armentia (1999:1) observa que existe por parte de um bom número de leitores e inclusive de jornalistas a idéia de que a infografia é um gênero de recente aparição, fruto do desenvolvimento dos computadores pessoais e de programas gráficos amigáveis e, ainda, das exigências comerciais de renovação visual-gráfica dos jornais. Algo que sustenta esse entendimento foi o largo uso de infográficos pelos jornais americanos e europeus no esclarecimento de ações militares durante a guerra do golfo Pérsico (1991) e que, na verdade, eram motivados muitas vezes pela censura militar imposta às imagens fotográficas e televisivas captadas no front de batalha. No seu livro *El periodista como creador de infografía*, José

[1] Itanel Bastos de Quadros Junior é Doutor em Ciências da Informação - Universidade de La Laguna – Espanha/ Mestre em Educação - Universidade Federal do Paraná/ Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda - UFPR / Desenhista Industrial – PUC-PR/ Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, responsável pelas disciplinas Programação Visual I e II (iquadros@gmail.com).

Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM/2005.

Manuel De Pablos (1999) contesta a idéia de desenvolvimento recente da infografia ao mostrar gráficos informativos utilizados em épocas anteriores, ao longo da história da imprensa e da própria humanidade. Porém, De Pablos (1991:159-160) já destacava no início da década de noventa que a infografía é uma forma de expressão informativa renovada. Para ele, através do uso da infografía, é possível "tentar contar uma história com feitio gráfico".

Jordi Clapers (apud Sojo, 2002:4), chefe de redação do Jornal El País (Madri), considera um "infográfico" a representação visual e seqüencial de uma notícia ou informação, seja um fato, acontecimento ou tema jornalístico. Nesse sentido, a infografía jornalística é uma forma de comunicação onde existe a predominância das imagens sobre o texto. Ela se realiza com elementos icônicos e tipográficos que tornam mais fácil o entendimento das notícias, ressaltando seus aspectos mais significativos em associação com o texto informativo "convencional" ou mesmo substituindo-o.

Mariana Minervini e Ana Pedrazzini (2004:4) também entendem que a infografia é uma nova – ou recuperada – forma visual de apresentar uma informação:

> Ao possuir como eixo principal à imagem e como fio condutor o texto- sempre sumário -, ela ambiciona explicar de forma resumida a essência da informação. A infografia é empregada, no jornalismo atual para descrever um processo, uma seqüência ou, ainda, para explicar um mecanismo complicado visualizar ou dimensionar um fato. Não obstante, não surge com a intenção de substituir a fotografia, mas sim complementar a informação dos outros elementos tanto gráficos como textuais da página. A função dos gráficos informativos consiste em aportar dados de forma atual e dinâmica ao leitor para uma fácil e imediata compreensão da notícia. Portanto, é necessário alcançar um equilíbrio entre o aspecto estético e o conteúdo, que deve ser claro, sintético e preciso. (Minervini e Pedrazzini, 2004:4).

2. Sobre os gêneros visuais das mensagens jornalísticas iconográficas

Valero Sancho assevera que a imagem tem muita importância na comunicação e que a informação gráfica atual se realiza com a ajuda visual que proporcionam tanto a fotografia como as simulações gráficas dos acontecimentos cotidianos:

> O homem moderno entende melhor o que vê que o que lhe contam e faz facilmente seu um novo modo de conceber idéias através de infografias. Estão mudando os meios didáticos, mas não determinados fundamentos epistemológicos, ainda que estejam se transformando muitos dos hábitos comunicativos (...) o ser humano, ao comunicar-se com os outros através de infografias, não estão fazendo nada de novo que rompa com sua condição comunicativa anterior. Ele está fazendo o de sempre, posto que ao largo de toda a história se comunicou mediante representações visuais mais ou menos complexas . (Valero Sancho, 2001:15).

Antes de uma abordagem mais sistemática sobre como a infografia se apresenta e ocupa espaço na linguagem gráfica do jornalismo impresso atual, é necessário relembrar que enquanto suporte do pensamento, o visual antecede qualquer linguagem utilizada na comunicação entre pessoas. Esta é uma história que começou nas cavernas há cerca de 30 mil anos e prossegue até os nossos dias.

Dondis afirma que não é difícil detectar a tendência à informação visual no comportamento humano:

> Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real. Quando a nave espacial Apolo XI alunissou, e quando os primeiros e vacilantes passos dos astronautas tocaram a superfície da lua, quantos dentre os telespectadores do mundo inteiro que acompanhavam a transmissão do acontecimento ao vivo, momento a momento, teriam preferido acompanhá-la através de uma reportagem escrita ou falada, por mais detalhada ou eloqüente que ela fosse? Essa ocasião histórica é apenas um exemplo da preferência do homem pela informação visual. (Dondis, 1997:6-7).

Peltzer também reforça a idéia da anterioridade da linguagem visual à lingüística:

> A escrita, desenhar letras é mais fácil que desenhar bisontes, tem códigos que apareceram milhares de anos após os desenhos daqueles animais. Primeiro foram a fala e a língua, nessa ordem segundo Saussure, depois a escrita, que é um modo de representar a língua e seus fonemas (sistema fonético) ou por conceitos (sistema ideográfico). A linguagem visual, a língua, a fala e a escrita, são sistemas de signos completamente diferentes. Um é visual, o outro lógico, o seguinte fonético e o último lingüístico. A lembrança da idéia leão põe na minha cabeça a imagem do leão. Posso tentar desenhá-lo (fá-lo-ia se fosse mudo e analfabeto) para comunicar o que vi (o meu conceito de leão) a outra pessoa. Ou

> posso dizer a palavra leão: um conjunto de fonemas que unidos significam esse animal; e também poderia escrever as letras que correspondem a esses fonemas, unidos para significar o referente leão (escrita fonética), ou desenhar o ideograma – se soubesse fazê-lo – para comunicar a um chinês o conceito leão (escrita ideográfica). (Peltzer, 1992:98).

Ainda nesse entendimento, Dondis observa que os afrescos de Michelangelo na Capela Sistina poderiam ser considerados em seu conjunto um "gráfico informativo":

> Trata-se de uma explicação visual da 'Criação' para um público em sua maior parte analfabeto e, portanto, incapaz de ler a história bíblica. Mesmo que soubesse ler, esse público não conseguiria aprender de modo tão palpável toda a dramaticidade do relato. O mural é um equilíbrio entre a abordagem subjetiva do artista, e um equilíbrio comparável entre a pura expressão artística e o caráter utilitário de suas finalidades. Esse delicado equilíbrio é extraordinariamente raro nas artes visuais, mas sempre que é alcançado, tem a precisão de um tiro certeiro. (Dondis, 1997:11).

Kenneth Clark também glosa o poder da narrativa visual na *Última Ceia* de *Leonardo da Vinci*:

> Após algum tempo contemplando a *Última Ceia*, paramos de estudá-la como uma composição e passamos a perceber todo o drama nela concentrado. É a mais literária de todas as grandes pinturas, uma das poucas cujo efeito pode ser largamente transmitido – pode até mesmo ser aumentado – pela descrição. É o oposto das pinturas dos grandes artistas decoradores como Paolo Veronese, por exemplo, nas quais nem os gestos, nem os trajes, nem as expressões dos personagens convém ao tema tratado e são escolhidos simplesmente por seu efeito decorativo. (Clark, 2002:185).

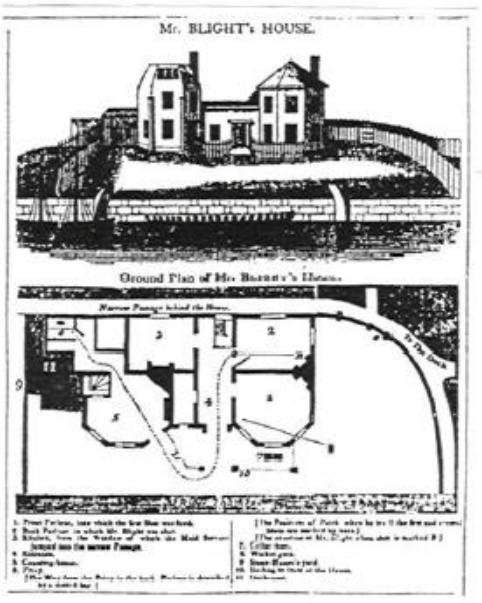
Para Peltzer os códigos visuais desenvolvidos na trajetória histórica da humanidade se aplicam às mensagens jornalísticas visuais. Ele afirma também que a história do jornalismo visual se liga à história das tecnologias – a gravura, a fotomecânica, o cabo e a digitalização - que propiciaram a utilização do visual como linguagem informativa:

> A publicação de ilustrações gravadas nos jornais remonta ao seu próprio aparecimento na história. Os mais antigos panfletos e jornais de publicação regular (primeira metade do século XVII) assemelham-se aos livros daquela época e continham vinhetas e gregas decorativas gravadas. (Peltzer, 1992:105).

Sullivan (apud Peltzer, 1992:105) aponta que o primeiro mapa publicado na Inglaterra apareceu no dia 29 de março de 1740, no Daily Post de Londres. Tratava-se de uma gravura com informação visual do ataque realizado pelo almirante inglês Vernon à cidade de Portobello, nas Caraíbas, durante uma incursão contra o tráfico de ouro espanhol.

Harold Evans e Edwin Taylor (apud Peltzer, 1992:106) assinalam que o primeiro gráfico informativo apareceu na capa do *The Times*, de Londres, no dia sete de abril de 1806. Era uma informação visual sobre como se dera o assassinato de um cidadão chamado Isaac Blight, composta por uma vista da casa de Blight nas margens do Tâmisa e um plano dela com referências numera

das dos passos do assassino, da trajetória da bala e do deslocamento de Blight até onde caiu morto. No rodapé aparecem legendas com explicações dos números postos no gráfico.



La casa de Mr. Blight. *The Times*, Londres, 7 de abril de 1806.

Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM/2005.

Após esse evento, tardará para que sejam sentidos avanços reais no emprego da linguagem visual nos jornais diários – salvo pela presença de parcos desenhos decorativos -, que se viam cerceados pelas dificuldades em reproduzir imagens nos sistemas de impressão então utilizados. No entanto, a partir de 1875, o emprego de técnicas de gravura em pedra (litografia) e metal e, posteriormente, a aplicação de técnicas fotográficas inclusive a composição tipográfica facilitará a publicação de desenhos e fotografias nas páginas impressas dos jornais. É nessa época que aparecem os mapas com indicações de temperatura e condições do tempo.

A partir do final da década de 20 do século passado surgem tecnologias que permitem o envio de imagens via cabos ou antenas – e depois, já nos anos 60, por satélites orbitais de comunicação - tornando possível aos jornais a publicação de gráficos, mapas e fotografias com fatos ocorridos no mesmo dia a muitos quilômetros de distância.

No entanto, ainda segundo Peltzer, foi no quarto estágio – com a digitalização dos dados nos anos 80 – desse breve recorrido histórico, que influiu particularmente no desenvolvimento da infografia:

> Quando se dá a separação entre a fotografia e o visual não fotográfico e a união de ambos os sistemas num mesmo processo. A remissão de uma informação visual começa a realizar-se de um modo digital e ampliam-se as possibilidades de confecção diretamente segundo um código digital, ou mediante a digitalização dos gráficos e desenhos realizados de forma clássica. (...) A digitalização permitiu o uso generalizado, pela imprensa, da linguagem visual. (...) Foi então que a linguagem reservada às enciclopédias e outras obras de divulgação científica e técnica pôde ser transferida para a imprensa e para a urgência do jornalístico (...). (Peltzer, 1992:115-116).

Do mesmo modo, Valero Sancho observa que o avanço tecnológico que permitiu a digitalização dos dados também propiciou um grande avanço à imprensa:

> Nos anos 80 se deu o renascimento dos gráficos explicativos, influenciados pelo desenvolvimento dos computadores pessoais dotados de programas específicos para gerar ilustrações. A aparição do computador Apple Macintosh, em 1984, facilitou enormemente a criação de imagens e se converteu em boa medida

> no padrão de trabalho para um grande número de ilustradores e designers gráficos (...)Nesse contexto aparece uma nova infografia utilizando como ferramenta de trabalho a informática adaptada às representações, ao tratamento da imagem etc. (...) Desde 1986 até o presente se produziram avanços espetaculares tanto nos programas informáticos como nas redes de transmissão de gráficos, o que possibilitou que a sua publicação se generalizasse nos jornais. A infografia se revelou como o meio mais eficaz para transmitir de maneira rápida e concisa os aspectos fundamentais da informação de temas, que por sua novidade, desconhecimento geral ou distanciamento do leitor, precisariam de muitas palavras para serem explicadas. Ela ampliou o universo cognitivo e incorporou elementos distantes. (Valero Sancho, 2001:54-57).

Na área da metacognição, cognição distribuída e design visual, Kirsh discute como os jornais atuais combinam efeitos visuais para realçar o controle do usuário sobre a sua experiência de leitura:

> Os computadores permitiram que os designers utilizassem novas técnicas gráficas sem o aumento significativo de custos (...) mas algumas dessas características foram introduzidas nos jornais porque os leitores modernos são impacientes e esperam obter mais informação visual - por meio de fotos, gráficos, mapas, diagramas - tanto como através do texto Uma coisa que os jornais ensinam é que todo elemento semântico deveria ser visualmente identificável para ajudar os leitores na sua localização (Kirsh, 2004: 17-18).

É certo que as enunciações da linguagem visual costumam ser elaboradas através da combinação de diferentes tipos de códigos gráficos, lingüísticos, fotográficos etc. E estas características de composição sobressaem na elaboração dos chamados infogramas ou infográficos.

Peltzer tenta aclarar a nomenclatura utilizada para designar os diferentes tipos de mensagens visuais informativas:

> Em certos âmbitos utilizam-se os neologismos 'infográfico', 'infografismo', 'infografia' para designar – num tom às vezes mais comercial que acadêmico – toda a informação gráfica. Trata-se da tradução literal de um termo norte-americano: *infographics*. Aplicá-lo simplesmente à nossa língua para todo o tipo de informação visual pode originar algumas confusões. Parece mais adequado utilizar este como outros neologismos para designar formas concretas e diferentes de veicular uma mensagem visual,

> apesar de a força dos fatos estar a impor em todo o mundo o nome genérico de infográfica a toda a mensagem iconográfica. (Peltzer, 1992:124).

De qualquer forma, alguns autores buscam o estabelecimento de gêneros específicos para distinguir os conteúdos das mensagens jornalísticas iconográficas. Peltzer propõe uma divisão em sete grupos, sendo que seis estão diretamente relacionados com o jornal impresso: 1) Gráficos [representação visual de uma informação, consistindo numa ou várias correspondências entre uma série finita de conceitos variáveis e uma invariável - são classificados em: Diagramas (lineares, circulares, ortogonais, tabelas etc.) e Organogramas (representação gráfica das relações de uma organização)]; 2) Infográficos [expressões gráficas, mais ou menos complexas, de informações cujo conteúdo são fatos ou acontecimentos, de explicação de como algo funciona ou, ainda, de como é uma coisa]; 3) Mapas [representação geográfica da terra ou de parte dela numa superfície plana – apresenta quatro tipos: de situação; de pormenor; mapa meteorológico; cartograma (mescla de mapa e diagrama); mapa ilustração (onde o mapa é utilizado apenas como ilustração ou referência)]; 4) Símbolos (representação de objetos, coisas, pessoas, animais, profissões, desportos, condutas, religiões etc., através de grafismos, silhuetas, figuras, ícones, marcas etc.); 5) Ilustrações [representações gráficas de pessoas ou coisas determinadas – classificadas em: retratos (imagem não fotográfica com tratamento gráfico variado); humor gráfico (com conteúdo de opinião sobre um determinado fato ou sobre uma pessoa, ou ainda sobre a atuação dessa pessoa); Caricatura (também apresenta um conteúdo de opinião, retratando um personagem conhecido com seus traços principais exagerados); 6) Comic informativo (é uma adaptação da linguagem das histórias em quadrinhos à informação de fatos reais).

3. Sobre as características visuais do gênero infografia

Como já foi abordado anteriormente, os infográficos se qualificam como expressões gráficas, mais ou menos complexas, de informações cujo conteúdo são fatos ou acontecimentos, de explicação de como algo funciona ou, ainda, de como é uma coisa.

Para classificar as infografias segundo suas modalidades, Valero Sancho(2001: 131-152) realizou um estudo tipológico desde um ponto de vista semântico-significativo e concluiu que

existem dois tipos de infografias: ***individuais*** (aquelas que apresentam características essenciais de uma única infografia, tratam de um único assunto e se distinguem rapidamente) e ***coletivas*** (aquelas em que se combina mais de uma infografia para construir várias facetas de uma informação). O autor identificou também quatro classes básicas de infografias: ***comparativas*** (são utilizadas quando têm como objeto comparar vários elementos ou alguma de suas partes mediante recursos gráficos, de forma a se obter uma informação visual rápida dos elementos ou variáveis a estudar), ***documentais*** (que têm como objeto a explicação de características, assim como a ilustração e documentação de acontecimentos, ações ou coisas), ***cênicas*** (são empregadas para mostrar como ocorreu um fato - acidente, atentado, ação de guerra etc.) e ***localizadoras*** (são aquelas que têm por objeto situar a informação ou marcar um espaço onde um fato ocorreu ou ocorrerá – mapas e vistas representadas em três dimensões geralmente compõem esta classe de infografias) e uma subclassificação atendendo os diferentes detalhes de conteúdo ou forma (tabelas, pizzas, barras, árvores, linhas, seções de objetos, máquinas etc.)

Por sua vez, Peltzer (1992:130-135) concluiu que os infográficos podem apresentar-se nas seguintes configurações:

A) Vista (desenho explícito, em que todos os elementos reais aparecem exatamente em seus lugares, com todas as suas particularidades e proporções e muitas vezes é acompanhado por legendas e números explicativos - Edwin Taylor apud Peltzer, 1992:130):

- **Plano:** tratamento gráfico numa superfície de um terreno ou da planta de um acampamento, praça etc.
- **Corte:** vista do interior de uma estrutura (corpo, objeto, edifício etc.):
  - Longitudinal - a longo da estrutura;
  - Transversal - através da estrutura, de lado a lado;
  - Tridimensional - vista do interior da estrutura segundo as suas três dimensões;
  - Perspectiva - representação dos objetos em três dimensões;
  - Panorama - vista de um horizonte muito amplo.

B) Gráficos explicativos:

- **De causa e efeito:** gráfico que explica a causa e o efeito de um fato determinado (Edwin

Taylor apud Peltzer, 1992:133);

- **Retrospectivo:** gráfico que mostra como ocorreram os fatos (onde, como etc.) e suas conseqüências;
- **Antecipatório:** gráfico que antecipa a realização de um fato onde se conhecem os pormenores que inevitavelmente ocorrerão (exs.: montagem da estação espacial, eclipse etc.) e onde se projeta informação detalhada sobre pessoas, posições, processos e seqüência;
- **Passo a passo:** gráfico que descreve etapas de um processo em imagens seqüenciadas;
- **De fluxo:** gráfico que expõe os passos de um processo ou de uma série de processos (ex.: *layout* de uma fábrica e as etapas da fabricação de um determinado produto);
- **Reportagem:** relato visual completo de um determinado fato, com caráter narrativo;
- **Realista:** gráfico onde são representados os fatos, personagens ou coisas como o autor as viu (ex.:cenas de audiências onde não é permitido o registro fotográfico e televisivo)
- **Simulado:** gráfico que busca representar os fatos, pessoas ou coisas como o autor imagina que ocorreram, a partir dos dados que se conhecem.

De qualquer forma, devido ao desenvolvimento acelerado da infografia, não é possível assegurar que qualquer classificação realizada até agora esteja definitivamente esgotada. A criatividade a serviço da funcionalidade visual desse recurso deverá continuar expandindo suas formas de representação.

Referências

ARMENTIA, José Ignacio - *La infografía,¿un nuevo género periodístico?*, em Revista Latina de Comunicación Social, Tenerife, URL: http://www.ull.es/publicaciones/latina/l/88/infozek.htm, 1999.

CLARK, Kenneth – *Leonardo da Vinci*, Rio de Janeiro, Ediouro,2003.

COLLE; Raymond - *Estilos o tipos de infógrafos*, em Revista Latina de Comunicación Social, Número 12, Tenerife, URL: http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/02mcolle.htm, dezembro de 1998.

CONTRERAS, Fernando R. - *Nuevas Fronteras de la Infografía.Análisis de la imagen por ordenador*, Sevilha, Mergablum, 2000.

DONDIS, Donis A. – *Sintaxe da linguagem visual*, 2a. ed., São Paulo, Martins Fontes, 1997.

EVANS, Harold/TAYLOR, Edwin. – *Front Page History*, Londres, Penguin Books, 1984.

GARCIA, Mario R. – *Contemporary Newspaper Design*, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1993.

Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM/2005.

KIRSH, David - *Metacognition, Distributed Cognition and Visual Design*, em Cognition, Education and Communication Technology, Peter Gärdinfors & Petter Johansson, Lawrence Erlbaum (eds.), 2004.

LETURIA, Elio - *¿Qué es infografía?*, Revista Latina de Comunicación Social, número 4, Tenerife, URL: http://www. ull.es/publicaciones/latina, Abril de 1998.

LOOCKWOOD, Robert - *El diseño de la noticia*, Madrid, Quark Press, 1995.

MINERVINI, Mariana e Ana Pedrazzini, , El protagonismo de la imagen en la prensa, em Revista Latina de Comunicación Social, número 58, de julio-diciembre de 2004, La Laguna (Tenerife), http://www.ull.es/publicaciones/latina/20042058minervini.pdf

MOEN, Daryl R. – *Newspaper & design*, 3ª edição, Iowa, Iowa State University Press, 1995.

PABLOS, José Manuel de – *El Nuevo periódico...Del Plomo a la luz*, Tenerife, Ediciones Idea, 1993.

PABLOS, José Manuel de - *Infoperiodismo. El periodista como creador de infografía*, Santa Cruz de Tenerife, Ed. Idea., 1999.

PABLOS, José Manuel de - *La infografía, el nuevo género periodístico*, Editorial Sanz y Torres, 1991.

PELTZER, Gonzalo. – *Jornalismo iconográfico*, Lisboa, Planeta Editora Ltda., 1992.

RANERA, Gustavo H. - *Infografía, espectáculo e información*, Revista Latina de Comunicación Social, número 19, Tenerife, http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999fjl/65her.htm, julho de 1999.

SOJO, Elio - *¿Qué es infografía?*, Revista Latina de Comunicación Social, número 4, Tenerife, URL: http://www. ull.es/publicaciones/latina, Abril de 1998.

SULLIVAN, Peter. – *Newspaper Graphics*, Darmstadt, Darmstadt, IFRA Publications Department, 1987.

TAYLOR, Edwin. – *Information graphics: a weapon for print*, IFRA Newspaper Techniques, 1984.

VALERO SANCHO, José Luis. – *La infografia: técnicas, análisis y usos periodísticos*, Bellaterra: Universitat Autónoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 2001.